

Maíra Kahl Ferraz

Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professora Efetiva do Instituto Federal de São Paulo (IFSP)
mairakf@ifsp.edu.br

As potencialidades geográficas humanistas no pensamento de bell hooks

Resumo

Este artigo aborda as contribuições do pensamento de bell hooks para a geografia, em especial para a geografia humanista. bell hooks foi uma ativista, feminista, professora e artista estadunidense, cujas obras contribuíram para diversos campos dos saberes, tendo como base ideias antirracistas. No âmbito dos estudos teóricos feministas, da educação e da teoria literária seus trabalhos têm ganhado destaque, porém na ciência geográfica ainda são poucas as pesquisas que dialogam com suas ideias. Contudo, seus conceitos muito têm a contribuir para a geografia, pois suas ideias são atravessadas por conceitos como casa, lugar, pertencimento e amor, temas que podem ser postos em diálogo com a geografia. A partir das experiências e vivências de bell hooks buscaremos dialogar com temas geográficos, como habitar, lugar e amor.

Palavras-chave: Habitar, Lugar, Geografia, Antirracismo, Feminismo.

Abstract

HUMANIST GEOGRAPHICAL POTENTIALITIES IN BELL HOOKS' THOUGHT

This article discusses the contributions of bell hooks' thinking to geography, especially to humanist geography. Bell hooks was an American activist, feminist, teacher, and artist whose works contributed to various fields of knowledge, based on anti-racist ideas. In the context of feminist theoretical studies, education, and literary theory, her works have gained prominence, but in geographic science there is still little research that engages with her ideas. However, her concepts have much to contribute to geography, as her ideas are permeated by concepts such as home, place, belonging, and love, themes that can be put into dialogue with geography.

Based on bell hooks' experiences and experiences, we will seek to engage with geographic themes such as dwelling, place, and love.

Key-words: Dwelling, Place, Geography, Anti-racism, Feminism.

1. Introdução

Durante as últimas duas décadas a geografia brasileira vem questionando métodos e teorias eurocêtricas. Discussões sobre decolonialidade se tornaram mais populares em vários âmbitos da ciência geográfica. Neste sentido, temos buscado diálogos com outras áreas do saber, além de abranger nossas leituras para além das ciências e nos reportarmos às artes.

Algumas correntes do movimento feminista também têm contribuído para o debate ao questionar não só a ciência de caráter predominantemente patriarcal e machista, que valoriza a objetividade e a razão, mas, no caso da geografia, para propor novas maneiras de compreender os espaços, as relações que neles se estabelecem e reivindicar os lugares das mulheres nos espaços urbanos e rurais.

Outro movimento que tem questionado e enfrentado o pensamento colonial e suas maneiras de submeter as pessoas a preconceitos e discriminações que as marginalizam é o movimento negro. Sabemos que os ideais coloniais sobrevivem até os dias de hoje, em diversos âmbitos sociais, seus tentáculos não só tateiam como esmagam os modos de vida que não condizem com a exploração e a subordinação empregada por esse sistema. E, para subverter essa lógica, o movimento feminista negro oferece caminhos essenciais, especialmente ao propor a interseccionalidade, através da qual racismo, capitalismo e cisteropatriarcado não podem ser analisados separadamente (AKOTIRENE, 2019) para a compreensão das relações sociais.

Dialogando com essas interfaces a escritora estadunidense bell hooks e sua vasta obra contribuem para refletirmos não somente sobre as questões de decolonização e interseccionalidade, mas também para a geografia comprometida em romper com antigos valores patriarcais e colonizadores. Ou seja, a chamada geografia da diferença que valoriza os pontos de vista de dentro, considerando, portanto, tanto as individualidades

quanto a sociedade na produção e na relação do/com o espaço (GOMES, 2023). Portanto, o objetivo desse artigo é caminhar com as obras de bell hooks que contribuem para o pensamento geográfico. Para isso, iniciemos conhecendo a vida da autora.

2. Escrevendo com bell hooks

Ao lermos as obras de bell hooks (1952-2021) fica evidente o quanto ela se coloca para desenvolver suas ideias. Suas teorias são frutos de suas vivências e experiências enquanto mulher negra nos Estados Unidos e essas características de sua biografia estão amalgamadas em seus escritos. Foi por isso que Lívia Natália (2022) defendeu que as obras de bell hooks, assim como de outras escritoras negras, são baseadas na *teoria escreviente*. Termo que ela cunhou a partir da ideia de escrevivência de Conceição Evaristo.

Tanto para bell hooks como para Conceição Evaristo a escrita se tornou um ato de liberdade e de enfrentamento das ordens sociais vividas. A autora sempre soube que seria escritora, como apontou no prefácio de *“E eu não sou uma mulher?”*. Ainda nesse prefácio, hooks comenta sobre a importância de sua mãe para o desenvolvimento do livro, não somente em relação às teorias que seriam ali desenvolvidas, mas pela maneira de construção do texto, ou seja, pela linguagem utilizada. Quando Evaristo (2022) fala sobre escrevivência ela diz que “[...] não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (EVARISTO apud HERMÍNIO, 2022, n.p.), assim, ao escrever suas histórias, uma mulher negra torna as vozes de outras mulheres audíveis.

Se, para Evaristo, a escrevivência pode desviar a flecha das opressões, para Natália a teoria escreviente abre caminhos para epistemes insubmissas, pois:

[...] vindas de um contexto acadêmico e intelectual opressor, porque masculino e branco, essas mulheres estabelecem uma política de citação que extravasa a precariedade academicista ao desenvolver instrumentais teóricos e criar possibilidades de análise crítica ao mesmo tempo sofisticadas e acessíveis a diversas camadas de leitores (NATÁLIA, 2022, p. 13).

A preocupação com a linguagem é uma constante nas obras de bell hooks. Sua história de vida é muitas vezes evocada para embasar suas teorias. Assim, quando escreve sobre educação, sempre ressalta sua experiência de menina negra estudando em uma escola pública segregada em Hopkinsville no estado de Kentucky nos Estados Unidos. Nessa escola ela e as outras crianças eram instigadas a nutrir seus intelectos, pois estudar era um ato contrahegemônico, e, embora essas práticas não fossem fundamentadas teoricamente, suas professoras “[...] praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial” (HOOKS, 2013, p. 11).

Essa escola é sempre retratada por hooks como um ambiente agradável e alegre, as professoras eram atenciosas e conheciam a comunidade na qual trabalhavam. Porém, a situação se transformou radicalmente quando ela mudou para uma escola não segregada, na qual os professores brancos ensinavam de outra maneira, não tinham relação com seu modo de vida e reproduziam estereótipos racistas. Essa experiência ensinou a ela “[...] a diferença entre educação como prática de liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação” (HOOKS, 2013, p. 11). Este fato é extremamente marcante em sua biografia, pois, como sabemos, bell hooks se tornou uma importante referência para a educação antirracista.

Apesar das angústias no ambiente escolar ela seguiu os estudos e foi cursar licenciatura em Letras na Universidade de Stanford, porém, a vida na universidade ressaltou aquele tipo de educação que ela havia tido na escola não segregada, ou seja, que aprender estaria ligado a obedecer a autoridades. Contudo, ela buscava resistir e lutar para ser uma pensadora livre. Esse período universitário coincide com o desafio do movimento feminista de afrontar o sexismo e pedir o fim do patriarcado. E hooks que “[...] jamais havia sentido que tinha lugar na tradicional noção sexista do que uma mulher deveria ser e fazer” (HOOKS, 2020, p. 9) estava ansiosa para participar do movimento de libertação das mulheres. Por isso entrou para o curso em Estudos de Mulheres.

Apesar de ter apreendido sobre o patriarcalismo, sexismo e como as questões de gênero moldam os papéis de identidade feminina, ela aprendeu pouco sobre como essas características presentes em nossa sociedade afetavam as vidas das mulheres negras, pois havia no grupo a predominância

de ideias ligadas às necessidades das mulheres brancas com relação aos seus lugares na sociedade. Uma das principais questões nesse sentido, que fez com que hooks questionasse o movimento feminista branco, foram as relações de trabalho, já que um dos pontos centrais do movimento feminista branco era a luta das mulheres para adentrar o mercado de trabalho; entretanto, essa pauta não era uma prioridade para as mulheres negras que trabalhavam desde a época da escravidão. Sobre isso ela relata: “Minha experiência como jovem negra não era reconhecida. Minha voz assim, de mulheres como eu, não era ouvida. Sobretudo o movimento me mostrou como eu me conhecia pouco e também como conhecia pouco meu espaço na sociedade” (HOOKS, 2020, p. 10).

Imersa nessas indagações foi que hooks começou a escrever o seu primeiro livro, o já citado “E eu não sou uma mulher?”. Nesta obra, a questão da interseccionalidade ganha dimensão, ela é categórica ao afirmar que “[...] na sociedade estadunidense imperialismo racial suplanta o imperialismo sexual” (HOOKS, 2020, p. 198). E essa afirmação não é embasada somente em teorias, mas também em sua experiência de mulher negra vivendo em uma sociedade na qual os resquícios do sistema escravocrata perduram.

É importante lembrar que hooks viveu em sua infância sob o regime da Lei Jim Crow (1877-1964), que legitimava a segregação racial nos Estados Unidos, pois previa a separação em ambientes públicos entre a população negra e a branca. As restrições dos locais de uso iam desde bebedouros, até assento nos ônibus, sendo os do fundo do veículo destinados às pessoas negras. Apesar do fim dessa lei em 1964, seus vestígios eram (e ainda são) sentidos pelos negros estadunidenses. Por isso movimentos como os Panteras Negras emergiram a fim de lutar contra as repressões policiais e a desigualdade racial. Para hooks, o movimento black power, surgido na década de 1960, focava suas ações e teorias em questões relacionadas ao poder, deixando de lado a ética do amor. Essa lacuna foi preenchida pelos discursos de Martin Luther King que, segundo ela, foi o líder que mais enfatizou a questão do amor, já que repetidas vezes afirmou que decidiu amar, pois acreditava que a busca do bem supremo é a chave para abrir o significado da realidade definida (HOOKS, 2023).

hooks questionava a excessiva ênfase dada às questões materiais e o afastamento das necessidades do espírito em nossa sociedade moderna,

segundo ela, esse fenômeno é recorrente tanto entre os progressistas como na esquerda. Por isso, em sua obra é comum a referência a religiões e à espiritualidade. hooks foi criada na Igreja Batista e durante o período de faculdade teve contato com o Budismo, a junção dessas influências fez com que ela se considerasse Budista-Cristã. Nessas religiões ela buscou conectar as “dimensões espirituais e psíquicas às necessidades materiais” (ALMEIDA, 2021), pois para ela a sociedade moderna apartada de sua espiritualidade se pauta na falsa ideia de que o consumo hedonista nos leva à plenitude.

Em suas obras bell hooks não tem uma preocupação no sentido acadêmico de elucidar seu método teórico, apesar de tecer diálogos com autores e autoras que entendemos como influentes em seus trabalhos. Dentre eles podemos citar Paulo Freire, que muito contribuiu para suas indagações acerca da educação. No âmbito do feminismo negro, Toni Morrison e Sojourner Truth são frequentemente lembradas em seus escritos, no caso de Truth, o primeiro livro de hooks, já citado, faz menção ao discurso proferido por ela em 1851 na Convenção dos Direitos das Mulheres.

Além dessas influências é comum hooks fazer referências no âmbito da espiritualidade ao monge budista Thich Nhat Hanh e a Martin Luther King. A ideia de resistência de Hanh é evocada por ela para pensar no lar como espaço de luta pela libertação e pela resistência, pois para ele as comunidades de resistência são espaços para as pessoas voltarem a si mesmas, recuperarem sua integridade e se curar. E King, importante ativista do movimento negro nos Estados Unidos, falava sobre o amor, tema central nas obras de hooks.

bell hooks questionou as tendências predominantes de poder, ou seja, o capitalismo, o machismo e o racismo, e, olhando para suas ancestralidades, escolheu seu pseudônimo, nome de sua avó que teve grande influência em sua formação, reforçando o sentido de amor na sua vida e na sua obra. Nascida Gloria Jean Watkins, o pseudônimo bell hooks é sempre gravado em letras minúsculas, porque ela queria que sua obra fosse lembrada com mais importância do que sua pessoa. Portanto, o fato de trazer em seus trabalhos suas experiências não reduz sua obra a personalismos, ao contrário, potencializa as discussões, já que carrega consigo a coletividade e nos abre para o mundo das experiências.

E as experiências são relevantes para a geografia humanista pautada no método fenomenológico, nessa abordagem o conhecimento não pode ser compreendido por si mesmo, pois ele é proveniente das relações entre os seres humanos e o mundo. O método fenomenológico descreve essas experiências, considerando suas diversas formas de manifestação, sejam elas objetivas ou subjetivas. Ao adotarmos o método fenomenológico não partimos de hipóteses pré-determinadas, mas sim do fenômeno em si e das relações estabelecidas entre o sujeito e o fenômeno.

Escrevendo sua volta a seu lugar de origem em Kentucky, bell hooks além de estabelecer suas relações com o fenômeno, se apoia no conceito de lugar e na importância de nos reconectarmos com a natureza e nossas origens, sendo esse um dos pontos de potencialidade geográfica de seu pensamento, o lugar como pertencimento.

3. O lugar como pertencimento

Esse é o nosso cantinho, esse é o nosso lugar,
quantas pedras no caminho pra essa vida melhorar?
Cesar MC

Em sua obra *Pertencimento uma cultura do lugar*, bell hooks relembra de como era a vida nas colinas de Kentucky e de como a geografia desse lugar influenciou sua razão e sua sensibilidade. Algo que ela só notou mais tarde na vida, quando se afastou de seu lugar de origem e foi viver na costa Oeste dos Estados Unidos. bell hooks buscou dar sentido a seu lugar de origem, e, se esse fato for posto em diálogo com Heidegger (2012a), poderíamos dizer que ela estava desenvolvendo a ideia de habitar, pois habitar para esse autor se faz com a construção de sentidos.

Allen (2011) destaca a importância dada por bell hooks ao lar, que tem a casa como simbólica e física e, além disso, é um lugar de empoderamento e pertencimento para as mulheres negras, pois é no lar “que acontecia tudo aquilo que mais importava na vida – encontrar o calor e o conforto do abrigo, alimentar o corpo e nutrir a alma” (HOOKS, 2019, p. 104).

No texto *Constituindo o lar: um espaço de resistência* (2019), hooks narra as memórias do caminho percorrido para chegar até a casa de sua avó, para isso ela tinha que atravessar bairros de pessoas brancas, o que gerava medo; porém, ao chegar na casa de sua avó, a sensação de segurança era despertada. Em sua mente infantil as casas eram das mulheres, apesar de os homens viverem junto, isso porque eram elas que prestavam os serviços de acolhimento e cuidado. hooks não é ingênua ao entender que o serviço doméstico é destinado às mulheres no sistema patriarcal, contudo, para ela, o cuidado é uma forma de resistência, já que, a partir desse trabalho, as mulheres construíam um lugar seguro e se fortaleciam. Assim, o lar era para as mulheres negras o lugar de resistência. Em suas palavras: “Elas compreenderam intelectual e intuitivamente o significado do lar em meio a uma realidade social opressora e dominadora, do lar como espaço de resistência e luta por libertação” (HOOKS, 2019, p. 111)

hooks recorda essa ação das mulheres negras em seus lares como um gesto de honra à luta e ao esforço que elas faziam ao entenderem e promoverem a casa enquanto lugar de resistência, acolhimento e cura, como uma atitude radicalmente política, pois não era fácil propiciar tal ambiente de habitar, carregado de sentidos e confiança, após longas jornadas de trabalho em casas de pessoas brancas e frente às contradições da pobreza e do machismo.

Ao reviver suas experiências, bell hooks reconstrói e compreende sua realidade, seu ser no mundo e as relações fundantes para o seu desenvolvimento, que, como dito anteriormente, não se limitam à sua individualidade, pois, além de serem compartilhadas por gerações, tornaram-se ato de resistência em uma sociedade racista e segregada. Nesse sentido ela afirma:

Criar conexões entre a localização geográfica e os estados psicológicos foi bem útil para mim, pois me permitiu reconhecer o grave aspecto disfuncional do ambiente sulista no qual fui criada, as formas como o racismo internalizado afetou nossa inteligência emocional, o âmbito emocional como um todo, ao mesmo tempo em que revelou os aspectos positivos da minha criação, as estratégias de resistência que melhoraram nossa vida (HOOKS, 2022, p. 46).

Lélia Gonzales (1984), analisando o papel da mulher negra na sociedade brasileira, se faz valer de duas noções importantes para compreender o racismo e o sexismo, ela fala das noções de consciência e memória. Para

Gonzales, a consciência é o lugar do desconhecimento, do esquecimento, é o meio através do qual o discurso ideológico se apresenta. E a memória é a reconstrução de histórias que não foram escritas, é o lugar das verdades, sendo assim: “Consciência exclui o que memória inclui” (GONZALES, 1984, p. 226). Com isso, bell hooks se aprofunda em suas memórias, para resistir ao que lhe foi imposto pelo racismo e pelo sexismo.

E ela encontra nas vivências rurais a resistência a um sistema racista e opressor; o contato com a natureza cultuado pela população negra é valorado, pois ele dá sentido à vida, além de poder e bem-estar pessoal. “Ao viverem próximos à natureza, os negros desenvolviam um espírito de admiração e reverência pela vida. Ao cultivarem o alimento para sobreviver e as flores para satisfazer a alma, conectavam-se com a terra, que é eterna e dá sentido à vida” (HOOKS, 2022, p. 69). Podemos relacionar esse sentido de que fala hooks ao habitar poético em Heidegger (2012b), já que esse se dá sobre a terra.

A vida moderna promoveu o afastamento do sentido da vida, do sentido do habitar, e, dessa maneira, seria necessário (re)comprendermos o habitar, que, para Heidegger, envolve a cosmicidade; só se habita “[...] salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais” (HEIDEGGER, 2012a, p. 130), e são algumas dessas características que hooks evoca para se sentir como pertencente a seu lugar.

E se o lugar é segurança, como ressaltou Tuan (2013), é nesse lugar rural que bell hooks busca suas origens, suas memórias e suas ancestralidades. Ela entende que o sistema capitalista modificou não somente as relações de trabalho como as práticas comunitárias, que eram essenciais no modo de vida da população negra do sul dos Estados Unidos. E, de fato, a resistência em comunas, especialmente lideradas por mulheres, têm sido modelos de oposição ao modelo capitalista. Por isso, Silva Federici (2022) ressaltou a importância dessas organizações frente ao avanço das destruições promovidas pelo capitalismo e a seus mecanismos de poder sobre os corpos e a natureza:

Nesse contexto, os esforços para rerruralizar o mundo – por meio da recuperação de terras, da liberação dos rios de suas barragens, da resistência ao desmatamento e o que é fundamental para todos, da revalorização do trabalho reprodutivo – são cruciais para a nossa sobrevivência. São a condição não apenas para sobrevivermos fisicamente como também para um “reencantamento” da terra, pois reconectam o

que o capitalismo dividiu: nossa relação com a natureza, com os outros e com nosso corpo. Essa reconexão nos permite escapar da força gravitacional do capitalismo e, mais ainda, recuperar uma sensação de completude em nossa vida (FEDERICI, 2022, p. 273).

bell hooks não relembra somente a vida em comuna, ou os momentos felizes que viveu nas colinas de Kentucky, ela conclama também as pessoas negras a renovar coletivamente a relação com a terra, pois, para ela, a indiferença com essas questões as torna cúmplices da dominação. “Reivindicar nossa história, nossa relação com a natureza, com a vida no campo e proclamar a restauração humanizadora da vida em harmonia com a natureza, para que esta também possa ser nossa testemunha, é uma importante maneira de resistir” (HOOKS, 2022, p. 163).

Repensar as relações com a natureza está no cerne das discussões do movimento negro e também de algumas correntes do movimento feminista. Entende-se que a visão eurocêntrica rompeu com a ideia de que somos natureza, justificando assim o domínio sobre ela e a compreendendo apenas enquanto recurso. E, para hooks, essa maneira colonizadora de entender a natureza deveria ser revista: “Devemos descolonizar nossa mente da cultura ocidental para pensar de forma diferente sobre a natureza e sobre a destruição causada pelo ser humano” (HOOKS, 2022, p. 65).

Alguns podem julgar romântico ou utópico a ideia de reencantamento do mundo, ou de reconexão com a natureza, contudo, essas ideias são na verdade estratégias de sobrevivência. bell hooks nos lembra de como algumas pequenas atitudes, como colher uma fruta na árvore ou fumar o tabaco que você mesmo plantou, geravam satisfação. Recordar essas pequenas atitudes é uma maneira de “[...] relembrar àqueles que lutam para construir sua identidade no presente que temos um legado de habilidades de sobrevivência positivas ao qual recorrer [...]” (HOOKS, 2022, p. 256). Segundo hooks, apagar essas raízes rurais da população afro-estadunidense foi uma estratégia de dominação colonial, fato que podemos estender para o contexto brasileiro.

Aqui podemos lembrar de Dardel (2011), que afirmou que a Terra foi “desnaturalizada” pela ciência contemporânea, pois ela é apreendida a partir de cálculos e medidas, ao invés de buscarmos decifrar sua escrita sóbria e vívida, de percebermos suas diferenças e suas cores. Porém, para

Dardel, o ser humano está ligado à Terra e a essa ligação ele chamou de geograficidade, que expressa a intrínseca relação entre ambos. De acordo com Dardel, é função da geografia permitir que os seres humanos se sintam ligados à Terra, e, para isso, seria necessário compreender seus lugares, pois, “a realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos [...]” (DARDEL, 2011, p. 34).

bell hooks traça os caminhos da geograficidade ao se colocar em relação com o lugar em que viveu e com suas memórias de infância, numa busca constante de estabelecer seu vínculo com a Terra: “Quando analisei minha relação com o mundo rural onde nasci, percebi que eu precisava reacender a relação de preservação da terra que era uma característica da minha família no Kentucky” (HOOKS, 2022, p. 89). hooks acreditava que esse vínculo entre o ser e a terra poderia ser estabelecido em qualquer lugar que moremos, contudo, seria necessário tempo para comungarmos com a natureza. O sentido de lugar para ela, portanto, se estabelece a partir do vínculo que estabelecemos com a terra e com a natureza:

Ao nos reconciliarmos com a terra, fazemos do mundo um lugar onde nós e a natureza podemos ser um só. Criamos e mantemos ambientes onde podemos retornar a nós mesmos, estar de volta ao lar, nos manter em terra firme e ser uma verdadeira testemunha (HOOKS, 2022, p. 164).

bell hooks dizia que sempre sonhou e procurou um lugar de pertencimento e essa sua obsessão a levou a mudar diversas vezes. Mas algo que ela sempre carregou consigo nesses deslocamentos foi a concepção que o lar não estava ligado a uma edificação, à casa de tijolo. Isso porque a casa muitas vezes reproduzia os ideais do sistema patriarcal, em suas palavras: “A casa de concreto não era meu lugar; ali meu espírito era um estrangeiro, minha alma estava sob ataque constante” (HOOKS, 2022, p. 270). Para bell hooks, o buscado pertencimento se faz no encontro consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Os valores de pertencimento ao mundo são antes de tudo uma maneira particular de estar no mundo, e desenvolver esses hábitos nos permitiria viver em uma comunidade mais amorosa.

Foi no fim de sua vida, após muita busca e um auto desenvolvimento profundo, que ela achou seu lugar, seu “cantinho”. Em meio às montanhas do Kentucky, foi retirando as pedras do caminho, buscando estabelecer a:

[...] esperança em um mundo que transcenda a raça ao formar comunidades nas quais a autoestima não seja resultado do sentimento de superioridade sobre qualquer grupo, mas do nosso relacionamento com a terra, com as pessoas, com o lugar que estejamos. Quando criamos uma comunidade amorosa, ambientes antirracistas e inclusivos, não vai fazer diferença a diversidade presente nesses espaços. Se a diferença entrar em uma comunidade amorosa, ali ela poderá encontrar um lugar que a receba de braços abertos, um lugar ao qual possa pertencer (HOOKS, 2022, p. 223).

4. Para não dizerem que eu não falei de amor

Porque no fundo, no fundo, no fundo, 'nois' sente
Que o mundo sozinho seria entediante
O amor é o tempero que o faz interessante
E só se prova coletivamente (viu?)
Emicida e Mundo de Bitá

Ao buscar seu lugar de pertencimento bell hooks não coloca de lado a questão do amor, aliás esse conceito é basilar em suas obras, tanto que, além da discussão e da importância da ação de amar estar presente em vários de seus livros, ela dedicou uma trilogia ao tema.

No primeiro livro desta série, *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, escrito nos anos 2000 e só traduzido para o português vinte um anos depois, ela define o amor como uma ação e não um sentimento. Ela faz questão de esclarecer o que é o amor, porque acredita que em nossa sociedade há muitas confusões com relação ao termo, o que, por consequência, gera desentendimentos no próprio ato de amar. É nesse sentido que ela define o amor como uma ação, partilhando da definição de M. Scott Peck que diz que “amar é um ato de vontade – isto é tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica em escolha. Não temos que amar. Escolhemos amar” (PECK apud HOOKS, 2021, p. 47).

A partir dessa ideia ela desenvolve sua teoria, afirmando que amor e abuso não podem conviver, e pensar o amor enquanto ação nos faz assumir responsabilidade e comprometimento, para consigo mesmo e para com o outro. Apesar de ressaltar a importância do amor próprio, ela não desvincula a ação de amar do coletivo, não somente porque o amor “só se prova coletivamente”, mas porque o ambiente em que estamos inseridos

nutre nossa ação de amar. E em uma sociedade que valoriza os valores patriarcais e racistas essa ação é dificultada, pois “sem justiça, não pode haver amor” (HOOKS, 2021, p. 72).

Ao analisar a perspectiva de bell hooks com relação ao amor podemos traçar mais uma vez associações com o habitar e, desta vez, convido para o diálogo Bachelard (1979), para quem a imagem é um estado de nossa alma e pode refletir sentidos dialéticos. O autor trabalha com a imagem da casa e os sentidos despertados por ela, muitos deles dialéticos, assim a casa pode transmitir aconchego e sufoco, felicidade e tristeza, proteção e insegurança, exterior e interior, entre outros. A imagem da casa sonhada, da qual fala Bachelard, é também lembrada por hooks: “O amor é a base sobre a qual construímos a casa dos nossos sonhos. É uma casa com muitos cômodos. Relacionamentos são parte dessa casa, mas não são tudo e nunca poderiam ser” (HOOKS, 2024, p. 193).

As imagens na abordagem de Bachelard são poéticas, ou seja, elas não são compreendidas como objetos, mas como uma expressão do coração, da alma e do nosso ser. Sendo assim, quando hooks discorre sobre a imagem de sua casa em Kentucky, ela está devaneando, no sentido bachelardiano, ou seja, evocando seus refúgios, realizando uma topoanálise, que pode ser definida como “estudo psicológico e sistemático dos locais da vida íntima” (BACHELARD, 1979, p. 202). É essa intimidade que hooks descreve no seguinte trecho:

No Kentucky, minha casa nas colinas possui uma varanda larga com vista para o lago, do qual tiramos água para consumo. Não é uma varanda para encontros e confraternizações. Por ser uma casa empoleirada no alto da colina, ninguém passa por ela ou pela varanda. Assim como o “bangalô luz das estrelas” a varanda é destinada a “quietude e repouso”. Ela convida ao silêncio – que permite ouvir as vozes divinas ao redor (HOOKS, 2022, p. 190).

Além de devanear sobre a sua casa, bell hooks expressa sua experiência de vida, nesse sentido poderíamos traçar relações entre suas escritas e a geografia das emoções. Essa perspectiva vem ganhando visibilidade nas discussões geográficas da vertente humanista e pode ser compreendida como a busca em entender “[...] a relação emocional que tecemos com os lugares, destacando os processos de diferenciação espacial que as emoções produzem” (SILVA; FILHO, 2020, p. 154).

É importante ressaltar que apesar da possibilidade de diálogo entre as obras de hooks e a geografia das emoções, devemos atentar para não associar as emoções com o amor, pois, como dito anteriormente, o amor para a autora é uma ação, uma escolha. Portanto, a proposta é de abertura da obra, e de sua escrevivência, para a geografia das emoções, que considera a intersubjetividade dos lugares, como apresentado na obra de bell hooks.

Para encerrar gostaria de retomar a ideia de amor de bell hooks, pois esse ato é também uma maneira de questionar e resistir o/ao sistema vigente, pois, como sabemos, ele tenta cooptar muitas coisas que são significativas para nossa existência, inclusive o amor. Sob essa lógica acreditamos que nossas necessidades podem ser sempre supridas pelo acúmulo material, com o consumo tomando conta da consciência coletiva, o que gera graves consequências individuais e sociais, pois o amor se esvai, ele é substituído pelo ter, se desenvolve baseado na ideia de produto.

Entretanto, para bell hooks, o amor é uma força ativa que amplia nossa comunhão com o mundo. E não cabe à prática amorosa somente dar aos indivíduos maior satisfação na vida, mas ela deve estar comprometida em pôr fim à opressão e à dominação. Nas palavras de hooks, “o amor sempre nos afastará da dominação em todas as suas formas. O amor sempre nos desafiará e nos transformará” (HOOKS, 2020b, p. 244).

5. Considerações finais

As obras de bell hooks nos revelaram um grande potencial de diálogo com a geografia preocupada em descolonizar o pensamento e a ação. Reconhecemos que seu trabalho é vasto, o que possibilita diversos caminhos e interlocuções, contudo nesse artigo buscamos enfatizar a questão do lugar e do amor, enquanto potencialidades geográficas.

Para isso nós nos apoiamos na geografia humanista e nos filósofos da fenomenologia bem como em alguns autores e autoras que incorporam em suas pesquisas temas como o habitar, o lugar e a geografia das emoções. O intuito não é o de encerrar a discussão com elas e eles, mas abrir possibilidades de ampliação acerca dos temas, sempre permeados com as ideias de hooks, que, além das temáticas tratadas, foi uma grande defensora da

educação democrática, amorosa e antirracista bem como do pensamento livre. Que possamos caminhar e agir com as ideias de bell hooks!

6. Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALLEN, Tenille. “I Didn’t Let Everybody Come in My House”: Exploring bell hooks’ Notion of the Homeplace. **The CLR James Journal**, v. 17, n. 1, Special Issue: On the Emancipatory Thought of bell hooks, p. 75-101, 2011.

ALMEIDA, Mariléa. **Crítica à subjetividade capitalista**: autoestima, espiritualidade e amor em bell hooks. 2021. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/critica-a-subjetividade-capitalista-autoestima-espiritualidade-e-amor-em-bell-hooks/>.

BACHELARD, Gaston. **Os Pensadores**. Tradução de António da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultura, 1979.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FEDERICI, Sílvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e política dos comuns. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

GOMES, Rodrigo Dutra. For a geography of difference and dialogues: Brazilian geography for the twenty-first century. **Dialogues in Human Geography**, v. 14, n. 2, p. 1-4, 2023.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar e pensar. In: **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão et al. Bragança Paulista: Editora Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2012a. p. 125-141.

HEIDEGGER, Martin. “... Poeticamente o homem habita...”. In: **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão et al. Bragança Paulista: Editora Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2012b. p. 165-181.

HERMÍNIO, Beatriz. **“A escrevivência carrega a escrita da coletividade”, afirma Conceição Evaristo**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). São Paulo, out. 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>.

HOOKS, bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Editora Elefante: 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Editora Elefante, 2020b.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Comunhão**: a busca das mulheres pelo amor. Tradução de Júlia Dantas. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

HOOKS, bell. **Cultura fora da lei**. Tradução de Sandra Silva. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

HOOKS, bell. **Pertencimento uma cultura do lugar**. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Editora Elefante: 2024.

NATÁLIA, Livia. Prefácio. In: HOOKS, bell. **Comunhão**: a busca das mulheres pelo amor. Tradução de Júlia Dantas. São Paulo: Editora Elefante, 2022. p. 10-22.

SILVA, Marcia Alves Soares da; FILHO, Sylvio Fausto Gil. Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 153-168, Outono 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 25/10/2024

Aceito em 23/11/2024